

Crimes dos bandidos em Inhambane

Crianças raptadas para serem violadas

5/12/86

N.

Crianças do sexo feminino com menos de doze anos, na província de Inhambane, são raptadas das casas de seus pais para, nos acampamentos dos bandidos armados, serem violadas e, na maioria dos casos, serem forçadas a viver maritalmente com bandidos.

Duas de três crianças entrevistadas pela AIM declararam que foram postas em casas situadas nas periferias das bases, onde eram guarnecidas por bandidos armados, para não terem acesso ao local onde eles e seus chefes planeiam os seus actos contra as populações e alvos civis. Disseram igualmente que os rapazes com a mesma idade são treinados para participarem em assaltos.

Lorina Nguambe, 14 anos, é agora mãe de um bebé com um ano, que tem como pai um bandido armado, após ter sido raptada em 1982. Esteve no cativeiro durante mais de dois anos e disse que, sobre o pai da criança, apenas sabe que «é um soldado simples», conhecido por Mário.

Ele ameaçava-me que se tentasse fugir devia correr para o céu, porque na terra sempre me haveria de apanhar», disse Lorina, na ocasião trazendo a sua filha Lina ao colo.

Lorina disse igualmente que havia centenas de outras crianças na mesma situação e que continuam com os bandidos no mato. Acrescentou que já não podia continuar a estudar, pois interrompeu os estudos — terceira classe — e não produziam porque os bandidos, com medo de que elas fugissem, preferiam deixar com

elas uma parte dos produtos que diariamente saqueavam às populações.

Tal como várias outras menores, Lorina disse ter perdido o contacto com os parentes, porque soube que na aldeia de Nguambine, onde residiam os pais, no distrito de Inharrime, as pessoas estão dispersas, devido às acções dos bandidos.

Neste momento, Lorina vive no centro de recuperação de Chiünze, juntamente com a sua filha, onde para além de produzir, continua a estudar.

Outra criança, de nome Mónica Eduardo, nove anos, disse que no cativeiro tomava conta do bebé de um bandido de nome Mandevo, cuja mulher era também criança.

Mónica, cujo pai foi assassinado pelos bandidos na presença da sua mãe e seus irmãos, no distrito de Homoine, na mesma província, disse que fora raptada juntamente com o irmão, Manuel Eduardo, de doze anos, e que continua até agora com os bandidos. Ela apenas viveu dois meses, numa zona em que, segundo ela, os muitos homens armados eram os que tomavam conta deles. As restantes pessoas, disse, eram maioritariamente mulheres e crianças.

Quando em Junho último conse-

guiu escapar da vigilância dos bandidos, Mónica, juntamente com uma outra criança, fugiu para uma aldeia tendo caminhado mais de 20 horas. «com medo de cobras e de ser vista pelos bandidos», após o que foi conduzida para a aldeia de Mubécua, onde agora se encontra com a mãe.

Joaninha Alberto, 14 anos, esteve com os bandidos durante dois anos, e disse ter sido entregue a um bandido de nome Xavier.

Dele apenas conhece o nome e não sabe qual a sua origem, mas contou que «Xavier costumava dizer que matava e roubava porque os caminhos para a África do Sul foram fechados pela Frelimo».

Joaninha contou também que nunca conversava com o dito marido, «porque ele tinha medo que eu viesse a revelar», e com ele apenas se encontrava durante a noite.

Joaninha, recuperada nos princípios deste ano na sequência de um assalto das FPLM ao acampamento onde se encontrava, vive agora na aldeia de Mubécua, no distrito de Homoine, e espera poder continuar a estudar após interromper a segunda classe do ensino primário. A escola da sua zona esteve encerrada durante um ano, devido à desestabilização causada pelo banditismo. Agora foi reaberta, mas o tamanho da sala não corresponde ao efectivo de alunos dada a concentração de grande parte de pessoas naquela localidade. — (AIM)